



Política Operária

Combatividade e explosividade da juventude nas manifestações

Durante as manifestações, sob a máscara do direito à manifestação pacífica, procurou-se caçar a juventude que se destacou enfrentando a polícia nas ruas. Os ataques a bancos, lojas, prédios públicos etc. expressaram o ódio de uma parcela da juventude extremamente oprimida. Certamente, essa não é a via pela qual se fortalecerá o movimento de massas, que se manteve descolado da linha de frente desse contingente, que a imprensa burguesa taxou de “vândalos”. Mas quem deve transformá-lo são os próprios explorados em luta, por meio da política e dos métodos proletários. O que é oposto à forma de delação pelos manifestantes preconizada pela burguesia e pela polícia.

O destacamento combativo da juventude cumpre um papel valioso no desenvolvimento da capacidade de luta do movimento, desde que esteja sob a política revolucionária. O fundamento do método revolucionário é o da luta de classes. A violência da maioria explorada contra a violência da minoria exploradora se dá sob o programa, as reivindicações e a estratégia de poder. É preciso rejeitar e combater o pacifismo burguês e pequeno-burguês por meio da política proletária e dos métodos da luta de classes. Contudo, a violência isolada de pequenos grupos, por mais razão que tenham



para isso, é estranha à luta proletária, tem a ver com o desespero pequeno-burguês.

Nossa reprovação às ações que pequenos destacamentos fazem à margem das massas não significa deixar de combater a repressão do Estado. É preciso não só defendê-los contra os ataques seletivos da burguesia, como também politizá-lo como vanguarda combativa e elevar sua consciência para o programa da revolução proletária.

O papa veio para ajudar a enganar as massas

A Jornada Mundial da Juventude, organizada pela igreja católica, sobre o tesouro nacional disponibilizado gentilmente pelo governo de Dilma/PT, serviu aos intentos papais de combater a ascensão evangélica (sua mortal concorrente), arremeter um mar de jovens sob as promessas “enviadas por deus” de um mundo melhor e para docilizar essas “jovens ovelhas”, as conduzindo ao caminho da paz, da resignação, da oração e da espera, após o dízimo pago.

O papa chegou ao Brasil em meio a um momento de resistência combatente da juventude que aos milhões tomam as ruas, empurrada pelo desemprego, subemprego e pela miséria. A crise capitalista que a todos os países atingirá, em ritmos, momentos e intensidades

diferentes, mas se alastrará como um rastilho de pólvora que agora tende a estourar no Brasil, golpeará com mais força a juventude. O próprio papa não pode esconder esse fato, foi obrigado a dizer que se criará uma

geração que nunca trabalhou.

A igreja e o Estado enganam a juventude. O mundo não será melhor sob o capitalismo. O luxo da igreja está em contradição com a miséria da maioria. A igreja vive da exploração. Se assenta em largas propriedades.

A igreja é uma poderosa ferramenta de contenção social, e para isso serviu o show instaurado. Que a juventude se prostrasse diante da burguesia, se submetesse à exploração, esse foi o recado dado. A saída coletiva e coesa das massas nas ruas, tomando em nas próprias mãos a solução dos problemas, é combatida pela igreja que impõe a saída individual e dispersa.

A juventude não deve acreditar nas falácias do papa. Os filhos da classe operária e demais oprimidos devem se articular sob a política da classe operária e seus métodos de luta.



**O papa no Brasil, fora o papa!
Pela separação da Igreja com o Estado!
Nenhuma confiança na promessa de um mundo melhor!
Confiar na força coletiva da luta dos explorados!**

Campina Grande-PB

É hora de a frente pelo passe livre avançar na defesa aberta da estatização do transporte coletivo

Com o impulso do movimento nacional e a partir da necessidade concreta do passe livre e defesa das condições de vida dos trabalhadores, iniciou-se em junho um movimento que culminou na constituição de uma frente que adotou a defesa do passe livre, redução da tarifa, contra a privatização da saúde e contra a repressão no país. Foi realizada uma assembleia do movimento em que a Corrente Proletária Estudantil defendeu a incorporação das bandeiras de estatização do sistema de transporte coletivo, sem indenização e sob controle dos trabalhadores, e de salário mínimo vital. A primeira bandeira foi aprovada, porém em seguida circunscrita a uma pauta geral (que não poderia ser enunciada nos confrontos com o prefeito) a ser aprofundada posteriormente. O prefeito aproveitou o enfraquecimento do movimento nas ruas e aprovou a isenção do imposto sobre serviços (ISS) às empresas de transporte, para sustentar a redução de 10 centavos na tarifa e o passe livre para estudantes da rede municipal, com recursos do FUNDEB, os quais geralmente moram nos arredores dos locais de estudo.

Unifesp:

Acordo proposto por juiz transforma vítimas em réus!

A justiça burguesa propõe um acordo (Transação Penal) aos grevistas presos em 2012. É preciso gritar tão forte quanto foi essa mobilização, que assinar o acordo é aceitar a imposição da derrota ao movimento estudantil que se levantou aguerridamente contra a diretoria acadêmica, contra a prefeitura de Guarulhos e contra o governo federal, resistiu aos brutais e covardes ataques da polícia militar para que fossem atendidas as reivindicações por condições elementares de estudo e a permanência da universidade num bairro operário. A justiça apresenta como um acordo, mas os 46 presos NÃO GANHARÃO NADA! A burocracia universitária é quem sairá vitoriosa, com a cabeça desses lutadores nas mãos, usados como exemplo do que “não deve ser feito”. Sob sua perspectiva lutar pela educação pública é crime.

O erro dos que se alinham com a burocracia universitária na defesa do acordo

A quem interessa que o acordo seja assinado? Que se confesse a cul-

Nas próximas semanas visitaremos escolas e universidades com a defesa do passe livre para todos os estudantes e desempregados e maior redução da tarifa. Sem a bandeira da estatização, porém, estas reivindicações ficam incompletas, pois não respondem efetivamente que não queremos que se mantenha o lucro dos capitalistas, que queremos estancar a máfia dos transportes, o qual, às custas de altas tarifas, paga caixa 2 e mesadas a políticos, e que recusamos que estas reivindicações sejam usadas para justificar arrocho salarial ou demissões de motoristas e cobradores.

Nós, da Corrente Proletária, estamos insistindo na necessidade de fazer este debate para que o movimento erga sem restrições a defesa da expropriação das empresas de transporte coletivo. Mais do que isso, é necessário insistir na defesa do salário mínimo vital, com escala móvel do reajuste. É isto, efetivamente, que responderá à elevação do custo de vida e ao salário mínimo de fome estabelecido pelo governo federal.

pa? À burocracia universitária. Alguns companheiros do movimento, ao proporem que o acordo seja assinado, não defendem o movimento estudantil da Unifesp dos Pimentas. Alinham-se à burocracia para desfechar o golpe de misericórdia aos lutadores que por 5 anos estarão impedidos de participar novamente do movimento, sob o risco de terem o processo reaberto caso sejam presos ou autuados pela polícia em atos, ocupações etc. O acordo leva a condenar a vanguarda, para que a inação desta, presa numa camisa de forças, minguo o movimento.

Alegam a necessidade de evitar “mais gastos jurídicos”. Mas, de que vale todo o dinheiro despendido na defesa legal (necessária), quando o que está em jogo é a vida do próprio movimento estudantil? Essa posição é gravíssima. A repressão é a expressão explícita da ditadura de classes da burguesia. Ou se a combate, ou se abre caminho para a sua execução. Essa posição de acordo (aceitação da acusação em troca de uma pena menor) contribui com a repressão aos lutadores.

Fora PM da Unicamp!

Incorporação imediata dos terceirizados ao quadro de funcionários, sem a necessidade concurso! Não ao salário de Fome! Salário Mínimo vital de R\$ 4.000,00!

A polícia Militar foi acionada no dia 25 de julho para reprimir os terceirizados do serviço de limpeza que trabalham na Unicamp, em greve desde o dia 22 por melhores salários e condições de trabalho. Segundo o DCE da Unicamp, a polícia só poderia entrar no campus com a autorização da reitoria.

A greve desses trabalhadores se choca diretamente com a empresa prestadora de serviços à universidade (Centro). Aumento nos salários significa menor lucratividade para os empresários.

A terceirização é parte da privatização da educa-



ção. À empresa privada é repassado o dinheiro público. Aos trabalhadores é paga uma parte ínfima desse dinheiro. Esse tipo de contratação intensifica a exploração de classe, os direitos são rebaixados, os salários são de fome (R\$755,00) e a perseguição política diária é uma forma de mantê-los acuados. Mas quando esse método se torna ineficaz, sob os auspícios da burocracia universitária, a Polícia Militar põe “ordem na situação” por meio da sua repressão mais dura. A PM foi acionada para garantir que a exploração continue, atacando os grevistas. Temos de exigir: Fora a PM da universidade!

**Conheça nosso programa: www.pormassas.org
Entre em contato: estudantil@pormassas.org**

Eleições “Diretas para reitor” na USP não mudam seu caráter autoritário

Rodas, o atual reitor da USP, anunciou eleições diretas para a escolha do novo reitor, substituindo o atual processo restrito aos professores titulares pela participação ponderada, segundo a LDB (70/15/15), de toda a comunidade universitária. O processo eleitoral interno elegerá uma lista com três nomes a ser encaminhada ao governador.

Mas o que muda na estrutura de poder da universidade? Nada. Ao conservar a decisão final do governador, o controle da universidade continuará nas mãos do Estado. Esse vínculo precisa ser

rompido para que de fato a democracia seja alcançada. O controle deve passar para as mãos de quem estuda e trabalha pondo abaixo a atual estrutura burocrática e instaurando um governo tripartite, uma forma de poder da maioria, subordinado à Assembleia Geral Universitária, o fórum democrático em que os três setores estarão organizados. Pela eleição direta e universal de todos os cargos, subordinados à assembleia geral universitária e com revogabilidade de mandato.

Levantar os problemas, defender as reivindicações e organizar um DCE que responda aos estudantes do IFSP – Caraguatatuba

Organizar urgentemente uma assembleia geral do campus

O Instituto Federal de São Paulo (IFSP), antigo Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo (CEFET/SP), sofreu um processo de expansão nos últimos anos, sob o governo do PT. Assim como em outras expansões de universidades federais do governo, a do Instituto Federal sofre com os mesmos problemas. Criaram-se vagas, mas não estrutura para receber os alunos.

A estrutura do campus de Caraguatatuba é precária. Estando já no terceiro ano de oferta de vagas para três cursos (Licenciatura em Matemática, Tecnologia em Processos Gerenciais e Tecnologia em Análise e Processos Gerenciais), além de cinco cursos técnicos de nível médio, faltam recursos para que os alunos desenvolvam plenamente suas atividades. Faltam, por exemplo, laboratórios de pesquisas para a área de exatas e um específico para a licenciatura em Matemática, faltam professores em algumas disciplinas (em 2011, quando se iniciou o curso de Matemática, as disciplinas ligadas à licenciatura não foram oferecidas em razão de não haver professores). Faltam livros na biblioteca para todos os estudantes.

Outros problemas ainda afetam o campus e os alunos, como a falta

de um Restaurante Universitário (RU), o que dificulta a permanência dos alunos em mais de um período, já que o campus atende todo o Litoral Norte (4 cidades). Os alunos ainda não contam sequer com o direito a meia passagem nos ônibus da cidade, porque a empresa não a reconhece como direito e a prefeitura pouco faz para resolver o problema.

Essa série de problemas, aliada às dificuldades de levar à frente um curso superior na área de exatas, acaba resultando em alta evasão.

Os estudantes de outras universidades públicas, recentemente expandidas, como a UNIFESP, têm se colocado em luta para exigir a melhoria nas condições de estudo. É uma tradição do movimento estudantil universitário organizar seus Centros Acadêmicos e Diretórios para garantir dentro e fora dos campus um ensino superior para todos. Por isso, estamos defendendo que é necessário organizar uma assembleia de todos os estudantes do campus, incluindo os alunos dos cursos técnicos, para levantar uma pauta de reivindicações e eleger uma direção para o DCE do Campus que responda diretamente a essa pauta e aos estudantes que a levantaram.

Escola de Quadros de Caraguatatuba

A decomposição do capitalismo em sua fase imperialista expõe a contradição essencial contida no desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção, contradição esta que atingiu seu grau mais elevado. É nessa fase, caracterizada pelos monopólios, que estoura no coração do sistema econômico, a maior crise mundial dado início em 2007/2008.

A incapacidade do capitalismo em avançar nas condições de vida das massas, ao contrário, se vendo obrigado a aumentar a exploração, diante da redução tendencial da taxa de lucro, coloca a luta de classes em uma nova etapa, revelando o quanto as condições objetivas estão mais que maduras para a revolução, e, ao mesmo tempo, escancara a necessidade imanente de se constituir o partido operário revolucionário, que encarne conscientemente em seu programa às lutas instintivas das massas, de forma a conduzi-las ao seu triunfo. A amarga ausência desse partido posterga as dores da dura opressão de classe.

O Brasil, país capitalista, de economia atrasada, semicolonial, também sente as consequências da crise e da ausência de um partido revolucionário. É nesse sentido que em 20 e 21 de julho, realizou-se a Escola de Quadros do POR em Caraguatatuba, tendo três temas centrais da discussão que foram: a crise mundial e a fase de decomposição do capitalismo, a caracterização de país semicolonial e a necessidade de construção do partido

operário revolucionário. Trata-se de uma atividade que visa a fortalecer o programa do POR, almejando forjar um partido que tenha expressão nas lutas da classe proletária, de modo a retirá-la da contenção exercida pelas direções capituladas, que conduzem o operário a se submeter à trincheira inimiga: a burguesia.

Abaixo segue um breve resumo do conteúdo da discussão

A crise mundial e a fase de decomposição do capitalismo

O imperialismo é a fase última do capitalismo. É a época de transição para uma estrutura econômica e social mais elevada. É marcada por algumas características tais como: fusão do capital bancário com o industrial, concentração de capital, exportação de capital, fim da partilha do mundo entre os países imperialistas, fase de revoluções e contra-revoluções e rebaixamento geral da condição de vida das massas. O imperialismo é a fase monopolista do capitalismo. Chegou ao estágio mais elevado da contradição fundamental entre as forças produtivas, altamente desenvolvidas e concentradas nas mãos de uma minoria, e as relações de produção, em que a produção é socializada, mas a apropriação é privada.

A crise de 2007/2008, a maior de toda a história do capitalismo, é a manifestação de um sistema que não mais se sustenta, que recorre a artifi-

cialidade para valorizar seu capital. Estamos diante de uma violenta crise de superprodução de valor, que, ao não se realizar no mercado, rompe com o funcionamento natural do capitalismo.

A burguesia, com seu instrumento estatal e repressor, defende seus interesses de minoria e sua posição de classe dominante transferindo aos explorados o peso da crise. Os estados, em primeiro plano, socorrem a burguesia com medidas antes condenadas pelos neoliberais. Endividam-se para salvar bancos e as grandes corporações. Posteriormente, atacam as massas com cortes nos serviços sociais, rebaixamento de salários e demissão.

Essa condição de dura opressão é o caldo de cultura para a insurreição das massas. Estamos numa nova fase da luta de classes.

A necessidade de construção do partido operário revolucionário

As massas vão às ruas, mas ainda lhe falta o instrumento que lhe permitirá a vitória contra a burguesia, o seu Partido. Cabe ao partido revolucionário transformar a luta instintiva das massas em ciência, e esta,

se voltar às massas, de forma a organizá-la no embate ao inimigo de classe, que se apropria parasitariamente do fruto do trabalho de milhões. A necessidade de formar quadros de militantes, a constante vigília diante da violência reacionária que não dorme e a necessidade de ter um corpo coeso e ágil na ação e nas bandeiras que defende fazem com que o partido se organize em células. É a parte mais viva do partido, estando na linha de frente no enfrentamento com os exploradores. Deve se estruturar em um limite de integrantes, elaborar e intervir coletivamente nos locais de trabalho ou de estudo. O partido funciona por meio do centralismo democrático, de forma a garantir o direito à divergência, porém, tendo unidade na ação. A derrocada do poder da burguesia pelo proletariado não será pacífica. A violência reacionária da burguesia impõe a violência revolucionária do proletariado, e o partido deve atender a essa necessidade, combinando o trabalho legal com o ilegal.

O POR, luta por se constituir um partido revolucionário, como parte da luta de reconstrução da IV Internacional, na tarefa de derrotar o capitalismo, erguer o socialismo, a transição para uma sociedade sem classes. Uma sociedade sem exploração.

A Corrente Proletária Estudantil faz parte da frente contra a repressão que unifica universidades do estado de São Paulo como a Unesp, USP e Unifesp de Guarulhos, além de movimentos sociais como Flakô, MST, MTST, MPL. É um primeiro passo para a Plenária Nacional contra a repressão aprovada no CONUNE, numa reunião convocada pelo DCE da Univille. Diante da tendência geral de repressão e criminalização aos movimentos sociais é necessário impulsionar uma forte luta em defesa do direito a livre organização e manifestação, contra os ataques brutais da polícia, braço armado da burguesia.

Abaixo a repressão: Liberdade imediata aos presos políticos Fim dos processos contra estudantes e trabalhadores Fim do genocídio da população negra, dos trabalhadores do campo e indígenas

É urgente um movimento forte e unificado contra a repressão.

É preciso unir forças. Agregar as diversas tendências políticas e movimentos sociais em torno da luta defensiva contra a repressão: o que é preciso defender é o direito elementar de mobilizar pelas reivindicações!

Nas jornadas de junho, a juventude foi às ruas e detonou a maior onda de protestos da história do Brasil e, como resposta, o Estado respondeu da única maneira que conhece: com repressão e mais repressão.

A repressão policial nas periferias e nas manifestações de caráter político são uma constante no país: os casos recentes na Favela da Maré, nos atos do MPL, nos atos contra a copa e na visita do papa apenas atualizam uma infundável lista de exemplos como as ações do governo federal e da Força de Segurança Nacional nas greves das obras de Jirau e Belo Monte, e as realizadas pela PM paulista nas constantes reintegrações de posse em ocupações de moradia, como em Pinheirinho, no início de 2012, e nas intervenções



em universidades, como a Unesp, em 2007 e 2013, a USP, em 2007, 2009 e 2011, e a Unifesp em 2012.

O acirramento da crise econômica, porém, reforça o caráter internacional do problema que enfrentamos. Tudo indica que serão necessárias muitas lutas mais. As bombas de gás que estouram no Chile, na Turquia e no Egito são as mesmas que nos reprimem aqui.

Da mesma maneira, a crise impõe um caminho para a juventude: é preciso ligar a luta dos jovens e estudantes aos trabalhadores. Mas, para defender as condições mínimas para uma vida digna, é preciso que nos organizemos; e ao nos organizarmos – em cada ato de rua, em cada greve, em cada ocupação de universidade, em cada ocupação e greve de fábrica – sofreremos inevitavelmente a força da repressão, das reintegrações de posse, e das polícias.

Organizemos a luta contra a repressão em nossos locais de trabalho e estudo! Construamos uma plenária estadual contra a repressão! Nos articulemos nacionalmente!

Sobretudo: sigamos na luta, continuemos nas ruas!